AURORA OBREIRA
REVISTA Nº 73
ANO 5 - 2017
ABRIL
EDUCAR, ORGANIZAR, EMANCIPAR!
Eram anarquistas!
1º Maio

EDITORIAL

As regras sobre como as decisões são tomadas são conhecidas apenas por poucas e na medida em que a estrutura do grupo permanece informal, a consciência do poder é impedida por aquelas que conhecem as regras. Quem não conhece as regras e não é escolhida para iniciação deve permanecer confusa ou sofrer de desilusões paranóicas de que algo que não conhece bem o que é está acontecendo.

A "ausência de estrutura" torna-se uma forma de mascarar o poder e no movimento anarquista é normalmente defendida com mais vigor pelas pessoas mais poderosas (estejam elas conscientes de seu poder ou não).

Para que todas as pessoas tenham a oportunidade de se envolver num dado grupo e participar de suas atividades, é preciso que a estrutura seja explícita e não implícita. As regras de deliberação devem ser abertas e disponíveis a todos e isso só pode acontecer se elas forem formalizadas. Isto não significa que a normalização de uma estrutura de grupo irá destruir a estrutura informal. Ela normalmente não destrói. Mas impede a estrutura informal de ter o controle predominante e torna disponível alguns meios de atacá-la. A "ausência de estrutura" é organizacionalmente impossível. Nós não podemos decidir se teremos um grupo estruturado ou sem estrutura, apenas se teremos ou não um grupo formalmente estruturado.

AURORA OBREIRA

Barricada Libertária, iniciativa de ação direta para divulgação e propaganda do anarquismo sem partidos, sem religião, sem Estado.

AURORA OBREIRA

Número 73 - Abril 2017. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes, sem opressão e sem exploração.

Redação: Barricada Libertária
Colaboração: Fenikso Nigra, Movimento Anarquista, Danças das Idéias, ATB, Iniciativa Federalista Anarquista-Brasil
Esta revista foi feita em soft livre: Scribus, Libreoffice, Inkscape, Gimp, OS Mint 17

Contatos:
Barricada Libertária: lobo@riseup.net, barriliber@riseup.net
Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net aŭ fenikso@anarkio.net

http://anarkio.net

O Grande Outubro na Ucrânia

Nestor Makhno

O mês de Outubro de 1917 é uma grande etapa histórica da Revolução russa. Esta etapa consiste na tomada de consciência dos trabalhadores - das cidades e do campo - dos seus direitos de controlar as suas próprias vidas e o seu património social e económico: o cultivo da terra, as habitações, as fábricas, as minas de carvão, os transportes e, enfim, a instrução, que servia outrora para destituir os nossos antepassados de todos esses bens.

Entretanto, do nosso ponto de vista, dar a Outubro todo o conteúdo da Revolução russa seria afastar-se muito da realidade. A Revolução russa foi preparada durante os meses que precederam Outubro, período no qual os camponeses e os operários se apoderaram do mais importante. A Revolução de Fevereiro pode servir de símbolo para os trabalhadores da sua libertação ulterior do jugo económico e político aos quais estavam submetidos. Constataram, sem hesitar, que a Revolução de Fevereiro tomou, na sua evolução, a forma degenerada de um produto da burguesia liberal, e, como tal, foi incapaz de se colocar na via da acção social. Os trabalhadores ultrapassaram imediatamente os limites instaurados pela Revolução de Fevereiro, e puseram-se a romper às

claras todos os elos com o seu aspecto pseudo-revolucionário e os seus objectivos.

Esta acção revestiu dois aspectos na Ucrânia: no momento em que o proletariado das cidades, devido à fraca influência exercida sobre ele pelos anarquistas, por um lado, e a falta de informação, por outro, sobre as posições reais e os problemas internos dos partidos, considerava que colocar os bolcheviques no poder era o dever mais importante na luta iniciada para o desenvolvimento da revolução, a fim de substituir a coligação dos socialistas-revolucionários de direita e da burguesia.

Durante esse tempo, no campo, em particular na parte zaporogue da Ucrânia, lá onde a autocracia nunca pôde abolir inteiramente o espírito livre, o campesinato trabalhador revolucionário considerava como o seu dever mais imperativo e importante o facto de empregar a acção revolucionária directa para se libertar o mais rápido possível dos pomestchikis e dos kulaks(1), estimando que esta emancipação facilitaria a vitória contra a coligação político-social-burguesa.

É por isso que os camponeses começaram, na Ucrânia, a sua ofensiva, ao confiscar as armas dos burgueses (a marcha do general Kornilov sobre Petrogrado em muito contribuiu para isto, em Agosto de 1917), recusando pagar, em seguida, a segunda parcela anual de impostos sobre a terra aos proprietários e kulaks.

Essa terra, que os agentes da coligação se esforçavam, com zelo, para retirar das mãos dos camponeses, para a conservar nas mãos dos proprietários, com o pretexto de que o governo devia observar o status quo até à decisão da Assembleia Constituinte.

Os camponeses puseram-se, então, a expropriar directamente os pomestchikis, kulaks, dos mosteiros e das terras do Estado, assim como do gado, instituindo, sempre directamente, comités locais de gestão desses bens, para a sua repartição entre os diferentes vilarejos e comunas.

Um anarquismo instintivo transparecia em todas as intenções dos camponeses da Ucrânia naquele momento, exprimindo um ódio não-dissimulado por toda a autoridade estatal, acompanhada de uma aspiração a dela se libertar.

Esta aspiração era muito forte entre os camponeses. Consistia, em substância, em libertar-se das instituições da polícia, do juiz enviado do centro pela burguesia, e assim por diante. Essa aspiração exprimia-se, na prática, em muitas regiões da Ucrânia. Há inúmeros exemplos testemunhando de que maneira os camponeses das províncias de Ekaterinoslav, de uma parte de Tavripol e de Kherson, de Poltava e Kharkov expulsaram a polícia dos vilarejos, ou, então, retiraram-lhe o direito de prender, sem antes se dirigir aos comités de camponeses e às assembleias dos vilarejos; os polícias estavam reduzidos a representar o papel de mensageiros das decisões tomadas... O mesmo ocorria com os juizes.

Os próprios camponeses julgavam todos os delitos, durante as assembleias ou reuniões, privando de todo o direito de jurisdição os juizes enviados pela autoridade central. Os juizes caíam, às vezes, em tal desgraça junto aos camponeses que, amiúde, eram obrigados a fugir e a esconder-se.

Tal comportamento dos camponeses para com os seus direitos individuais e sociais obrigou-os naturalmente a temer que a palavra de ordem "Todo o poder aos sovietes" se transformasse num poder de Estado: estes temores não se manifestavam, talvez, tão claramente no proletariado das cidades, que estava mais sobre influência dos social-democratas e dos bolcheviques.

Para os camponeses, o poder dos sovietes locais significava transformar esses órgãos em unidades territoriais autónomas, sobre a base do agrupamento revolucionário e autogestionário socio-económico dos trabalhadores, na via da construção de uma nova sociedade. Assim compreendendo esta palavra de ordem, os camponeses fizeram-na sua, aplicaram-na, desenvolveram-na e defenderam-na contra os ataques dos socialistas-revolucionários de direita, dos cadetes e da contra-revolução monarquista.

Outubro ainda não havia ocorrido quando os camponeses, em inúmeras regiões, recusaram-se a pagar os impostos de arrendamento aos pomestchikis e aos kulaks, confiscaram-lhes as terras e o gado, em nome das suas colectividades, enviaram, em seguida, delegados ao proletariado das cidades para se entender com ele quanto ao controle das fábricas, empresas, etc., e

estabelecer elos fraternos a fim de construírem , juntos, a nova e livre sociedade dos trabalhadores.

Naquele momento, a aplicação prática das ideias do "grande Outubro" não tinha sido adoptada pelos seus inimigos, e era muito criticada nos grupos, organizações, partidos, e seus comités centrais. Desse modo, o grande Outubro, na sua designação cronológica oficial, aparece aos camponeses revolucionários da Ucrânia como uma etapa já alcançada.

Durante as jornadas de Outubro, o proletariado de Petrogrado, Moscovo e outras grandes cidades, assim como os soldados e camponeses se avizinhavam destas cidades, sob a influência dos anarquistas, dos bolcheviques e dos socialistas revolucionários de esquerda, regularizaram e expressaram politicamente com maior precisão o motivo que levou os camponeses revolucionários de inúmeras regiões da Ucrânia a lutar activamente, já a partir do mês de Agosto, em condições muito favoráveis do ponto de vista do proletariado urbano.

As repercussões da vontade proletária de Outubro chegaram à Ucrânia com um mês e meio de atraso. Ela manifestou-se, inicialmente, por apelos de delegados e partidos, em seguida, por decretos do Soviete dos Comissários do Povo, em relação ao qual os camponeses ucranianos se conduziram com desconfiança, não tendo participado na sua designação.

Grupos de guardas vermelhos apareceram em seguida, vindos em parte da Rússia, atacando, em todos os lugares, os nós de comunicação e as cidades, para expulsar as tropas contra-revolucionárias dos cossacos da Rada(2) central ucraniana, tão contaminada pelo chauvinismo que não pôde ver nem compreender com quem e a que se aparentava a população trabalhadora ucraniana, nem o seu espírito revolucionário manifestado no combate pela sua independência social e política.

Ao fazer esta análise do grande Outubro, no seu 10º aniversário, devemos ressaltar que o que fazíamos na Ucrânia, nos campos, integrou-se perfeitamente, ao fim de dois meses, às acções dos trabalhadores revolucionários de Petrogrado, de Moscovo e das outras grandes cidades.

Tanto estimamos a fé revolucionária e o orgulho manifestado pelos camponeses ucranianos antes de Outubro, como celebramos, também, e nos inclinamos diante das ideias, da vontade e da energia manifestadas pelos operários, camponeses e soldados russos durante as jornadas de Outubro.

É verdade que, ao tratar do passado, não é possível passar ao lado do presente, ligado de um modo ou de outro a Outubro.

Não podemos deixar de exprimir uma profunda dor moral pelo facto de, após dez anos, as ideias que encontraram a sua expressão em Outubro serem achincalhadas por aqueles, que em seu nome, chegaram ao poder e dirigem a partir daí a Rússia.

Nós exprimimos a nossa solidariedade entristecida por todos aqueles que lutaram connosco pelo triunfo de Outubro, e que apodrecem actualmente nas prisões e nos campos de concentração, cujos sofrimentos, sob a tortura e a fome, chegam até nós, e obrigam-nos a sentir, em vez de alegria pelo 10ª aniversário do grande Outubro, uma profunda aflição.

Por dever revolucionário, elevamos mais uma vez a nossa voz para além das fronteiras da URSS: devolvam a liberdade aos filhos de Outubro, devolvam-lhes os seus direitos de se organizar e propagar as suas ideias.

Sem liberdade e sem direitos para os trabalhadores e para os militantes revolucionários, a URSS asfixia-se e mata tudo aquilo que tem de melhor nela. Os seus inimigos alegram-se com isso, e preparam-se em todos os lugares do mundo, com a ajuda de todos os meios possíveis, para esmagar a Revolução e a URSS com ela.

(1) Pomestchikis: grandes proprietários de terras; kulaks: ricos fazendeiros
(2) Rada: Assembleia Constituinte dos deputados na Ucrânia em 1918.

Texto extraído de Os Anarquistas na Revolução Russa, organizado por Alexandre Skirda

Retirado da revista Libertárias nº1, Outubro/Novembro 1997, São Paulo

Anarquistas na Revolução Russa

O povo russo, no começo do século XX, passava por extremas dificuldades proporcionadas pelo czarismo russo. Em 1904 haviam entrado em guerra contra o Japão e perderam os territórios da Manchuria e da Coreia. Ocorreu ondas de manifestações de descontentamento sobre forte repressão. Nesse período diversos grupos das mais variadas ideologias se organizam e surgem os primeiros sovietes = conselhos das pessoas trabalhadoras onde todas podiam participar de forma direta. Em 1914, a Rússia entra na 1ª Guerra Mundial, agravando a penúria do povo, que estava sem alimentos e perdendo milhares de vidas nas frentes de batalha.

No início de 1917, a pressão popular chegou ao máximo e leva o Czar Nicolau II abdicar. Foi um fenômeno puramente espontâneo e não o resultado da agitação partidária. Não houve uma vanguarda revolucionária conduzindo as pessoas para as ruas; as vertentes políticas/ideológicas e grupos radicais estavam atônitos diante do clamor caótico do povo faminto que exigia pão e protestava contra os intermináveis sofrimentos da guerra. Um governo de base republicana é iniciado e este momento é conhecido como a Revolução de Fevereiro.

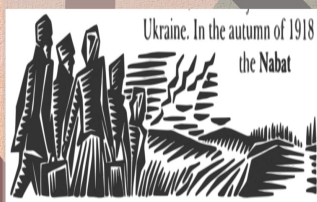
As pessoas anarquistas ficaram de fora de todos os grupos radicais da Rússia por sua oposição implacável a qualquer forma de Estado. Compartilhavam a concepção de Bakunin de que qualquer governo com independência de quem o controlar, não era mais do que um instrumento de opressão.

Em outubro de 1917, forças lideradas pelos bolcheviques cercam e fecham o recém criado parlamento e em poucos meses tomam medidas que centralizam o poder em suas mãos, a Revolução de Outubro. Perseguem e destroem todas as iniciativas populares e caçam todas as possiveis ameaças. Este era o caso das organizações e pessoas anarquistas. Destacamos três entre tantas:

REVOLTA DO KRONSTAD

Kronstad foi uma cidade portuária que formou um soviete muito atuante. Havia uma fortaleza naval e foi a principal estrutura de defesa da revolução em seus primeiros meses, mas diante do crescimento totalitário bolchevique, se rebelou.

Durante dezesseis dias, os rebeldes implantaram uma comuna revolucionária em oposição ao governo soviético que as próprias pessoas marinheiras haviam ajudado a consolidar. As pessoas rebeladas decepcionadas com os rumos do governo bolchevique, exigiam uma série de reformas, tais como a eleição de novos sovietes, inclusão de partidos socialistas e grupos anarquistas nos novos sovietes e o fim do monopólio bolchevique no poder, liberdade econômica para camponeses e operários, dissolução dos órgãos burocráticos do governo criados durante a guerra civil e a restauração de direitos civis para a classe trabalhadora. Apesar da influência de alguns partidos da oposição, os marinheiros não apoiaram nenhum em particular.

Duramente reprimida, chega ao fim em 21 de março de 1921, revelando a terrível face do controle bolchevique

CONFEDERAÇÃO ANARQUISTA UCRANIANA (NABAT)

Como o novo governo russo tornou-se cada vez mais hostil, muitos anarquistas decidiram deixar a Rússia. A maioria desses anarquistas se mudou para a Ucrânia, pois proporcionava um ambiente onde eles pudiam desfrutar de uma maior liberdade e colocar suas ideias em prática. No outono de 1918, a Confederação Nabat de organizações anarquistas tinham estabelecido sua sede em Kharkov, na Ucrânia.

Conjuntamente com Nestor Makhno que era o líder do Exército Insurgente da Ucrânia. (ver coluna ao lado). a Nabat logo foi capaz de ganhar um prestigio significativo, ela utilizou a força militar de Makhno e seu exército para difundir suas ideias, utilizando folhetos, jornais e panfletos. Após um curto período de tempo, tinha estabelecido associações em quase todas as grandes cidades do sul da Ucrânia, efetivadas pela prática de autogestão.

Mas uma vez que o Exército Negro foi derrotado, a Nabat também foi desarticulada e levou seus representantes as prisões e execuções sumárias pelo governo totalitário bolchevique.

EXÉRCITO INSURGENTE MAKHNOVISTA

A pessoa anarquista Nestor Makhno, formou um grupo guerrilheiro no sudoeste da Ucrânia contra o regime de Hetmanate (reacionário) em julho de 1918, logo após ter sido libertado da prisão. Em setembro ele formou o Exército Insurgente Revolucionário da Ucrânia com armas e equipamentos obtidos das expulsas forças austro-germânicas. Makhno lutou contra o Exército Branco do general Denikin até que este se retirou em fins de 1919.

Depois disso, o Exército Insurgente se negou a submeter-se ao comando central de Moscou. A organização na região de Golai-Polé sobre influência anarquista (ver a Confederação NABAT ao lado) prospera através de coletivizações de terras e das fábricas. Mas com o avanço do Exército Vermelho, as lutas se intensificam destruindo o processo autogestionário da região. Makhno conseguiu escapar para a Romênia e posteriormente para a França onde se refugiou.

A memória das pessoas oprimidas e exploradas é uma arma de emancipação

anarkio.net

RETIREI A DENUNCIA
#BASTAVIOLENCIACONTRAMULHERES
ANARKIO.NET
#NoMasViolenciaContraLasMujeres

A Hierarquia da autoridade

A medida que o partido cresce, a distância entre a direção e os homens da base aumenta fatalmente. Os líderes não somente se convertem em "personagens" como perdem contato com a situação viva nas fileiras abaixo. Os grupos locais, que conhecem sua situação de cada momento muito melhor que qualquer líder remoto, se vêem obrigados a subordinar sua visão direta às diretrizes de cima.

Os dirigentes, que carecem de todo conhecimento direto dos problemas locais, respondem rotineira e cautelosamente. Reclama-se maior amplitude de visão e justifica-se maior "competência teórica" própria, a competência do líder tende a diminuir quanto mais ascende na hierarquia de autoridade. Quanto mais nos aproximamos do nível onde se tomam as decisões "reais", melhor observamos o caráter conservador do processo que elabora as decisões, quanto mais burocráticos e distantes são os fatores que entram em jogo tanto mais as considerações de prestigio e o entrincheiramento substituem a criação, a imaginação e a dedicação desinteressada aos objetivos revolucionários.

O resultado é que o partido se faz menos eficiente de um ponto de vista revolucionário, quanto mais busca a eficiência na hierarquia, nos quadros, e na centralização. Mesmo que todos sigam o passo, as ordens costumam ser em geral equivocadas, sobretudo

quando os acontecimentos começam a fluir rápido e a tomar rumos inesperados, o que acontece em todas as revoluções. O partido só é eficiente em um sentido: no de moldar a sociedade de acordo com sua própria

imagem hierárquica se a revolução tem êxito. Cria a burocracia, a centralização e o Estado. Incita as condições sociais que justificam este tipo de sociedade. Daí que, ao invés de desaparecer progressivamente, o Estado controlado pelo

"partido glorioso", preserva as condições essenciais de que "necessita" a existência de um Estado, e de um partido para

"guardá-lo".

Por outro lado, este tipo de partido é extremamente vulnerável em tempos de repressão. A burguesia não tem senão que lançar mão contra a direção para destruir todo o movimento. Com os líderes na prisão ou desaparecidos, o partido fica paralisado. Os obedientes aderidos não têm a quem obedecer e tendem a se dispersar. A desmoralização sobrevém rapidamente. O partido se decompõe, não apenas por sua atmosfera, como também pela escassez de recursos

internos.

As afirmações anteriores não são meras hipóteses ou juízos, mas o resumo histórico de todos os partidos marxistas de massa do século passado – os social-democratas, os comunistas, e o partido trotskista de Ceilán, o único partido de massas em seu gênero. Reivindicar que estes partidos deixaram de interpretar seriamente os princípios marxistas não basta para impedir outra pergunta: Por que este fato se deu pela primeira vez? O caso é que estes partidos degeneraram porque estavam estruturados segundo os modelos burgueses.

Levavam o germe da degeneração implícito desde seu nascimento. O partido bolchevique escapou a esta sorte entre 1904 e 1917 por uma razão: foi uma organização ilegal durante a maior parte dos anos que conduziram à revolução. O partido se via continuamente destruído e reconstruído, de forma que, enquanto não tomou o poder, não pode se cristalizar em uma máquina plenamente centralista, burocrática e hierárquica. Por outro lado, se encontrava minado pelas facções. Esta intensa atmosfera de facção

persistiu ao longo de 1917, até a guerra civil, apesar da direção do partido ser extremamente conservadora, um traço que Lênin teve de combater naquele ano, primeiro para voltar a orientar o Comitê Central contra o governo Provisório (o famoso conflito sobre a tese de Abril), e logo para empurrar aquele organismo à insurreição em outubro.

Em ambos os casos teve de ameaçar com demissão do Comitê Central e levar seus pontos de vista "aos níveis mais baixos do partido".

Disputas entre as facções

Em 1918 as disputas entre facções adquiriram tal gravidade acerca do tratado de Brest-Litovsk, que o partido bolchevique esteve a ponto de cindir em dois partidos comunistas irreconciliáveis. Os grupos da Oposição Bolchevique, assim como os democratas Centralistas e a Oposição Operária, travaram duras lutas dentro do partido bolchevique ao longo de 1919 e 20, sem falar dos movimentos de oposição que se desenvolveram no Exército Vermelho devido à tendência de Trotsky pela centralização. A completa centralização do Partido Bolchevique – a realização da "unidade leninista", como seria denominada mais tarde – não se efetuou até 1921, quando Lênin conseguiu persuadir no décimo congresso do partido da necessidade de expulsar as facções. A esta altura, a maioria dos guardas brancos havia sido esmagada e os intervencionistas haviam retirado suas tropas da Rússia.

Não nos cansaremos de sublinhar que os bolcheviques tenderam a centralizar de tal modo seu partido, que cada vez mais ficaram isolados da classe operária. Esta relação raramente foi investigada nos círculos bolcheviques dos últimos dias de Lênin, e este foi suficientemente honesto para reconhecê-la. A Revolução Russa não se limita à história do partido bolchevique e seus seguidores. Sob a marca dos acontecimentos oficiais descritos pelos historiadores soviéticos, há outros mais essenciais, como o movimento espontâneo dos trabalhadores e camponeses revolucionários que posteriormente se enfrentariam com violência a

burocracia policialesca dos bolcheviques. Ao cair o czarismo, em fevereiro de 1917, os trabalhadores estabeleceram espontaneamente comitês em quase todas as fábricas da Rússia e manifestaram um crescente interesse em intervir na direção das empresas; em junho de 1917, na conferência dos comitês de fábrica de toda a Rússia, celebrada em Petrogrado, os trabalhadores pediram “a organização de um estreito controle de trabalho sobre a produção e a distribuição”.

As conclusões desta conferência raras vezes são mencionadas nos informes leninistas sobre a Revolução Russa, apesar de a própria conferência ter se alinhado com os bolcheviques. Trotsky, que descreve os comitês de fábrica como “a mais direta e genuína representação do proletariado de todo o país”, toca apenas superficialmente no tema nos três volumes de sua história da revolução. Entretanto estes organismos espontâneos de auto-governo eram tão importantes que Lênin, desconfiando conseguir o controle sobre os conselhos naquele verão de 1917, estava disposto a abandonar o lema “todo o poder para os soviets” para o de “todo o poder para os comitês de fábrica”. Esta posição teria empurrado os bolcheviques a uma atitude totalmente anarco-sindicalista, anda que seja duvidoso que pudessem permanecer com ela muito tempo.

Fim do controle operário

Ao ocorrer a revolução de outubro, os comitês de fábrica se apoderaram dos centros de trabalho, expulsando deles a burguesia e estabelecendo um controle completo sobre o trabalho. Ao aceitar o controle operário, o famoso decreto de Lênin de 14 de novembro não fazia outra coisa que reconhecer um fato consumado; os bolcheviques não se atreviam a se opor aos trabalhadores tão cedo, mas começaram a solapar o poder dos comitês de fábrica. Em janeiro de 1918, a dois escassos meses de “decretar” o controle operário, os bolcheviques transferiram a administração das fábricas à burocracia dos sindicatos. A história de que os bolcheviques experimentaram pacientemente o controle operário até que este demonstrou seu caráter ineficaz e caótico, é um mito. A “paciência”

dos bolcheviques só durou umas semanas.

Não se limitaram a fim ao controle direto dos trabalhadores algumas semanas depois do decreto de novembro, como puseram fim também, sem demora, ao controle sindical. Até a primavera de 1918, praticamente toda a indústria russa se encontrava colocada sob formas burguesas de administração. Lênin afirmou sumariamente que "a revolução exige, precisamente no interesse do socialismo, que as massas devem obedecer cegamente a única vontade dos dirigentes do processo de trabalho". O controle operário foi denunciado não só como "caótico" e "impraticável", mas também como "pequeno-burguês".

Osinsky, da Esquerda Comunista, denunciou amargamente todas estas falsas declarações e advertiu o partido: "O socialismo e a organização socialista deve ser estabelecida pelo próprio proletário, ou não se estabelecerá de modo algum: em seu lugar se instalará outra coisa: o capitalismo de Estado". Em nome dos "interesses do socialismo" o partido Bolchevique afastou o proletariado de tudo aquilo que havia conquistado com seu esforço e iniciativa. O partido não coordenou a revolução e nem a dirigiu: simplesmente, a dominou. Primeiro o controle sindical, foram substituídos por uma complexa hierarquia tão monstruosa como qualquer outra dos tempos pré-revolucionários. Como demonstrariam os anos seguintes, a profecia de Osinsky se converteria em amarga realidade.

O problema de quem prevaleceria – o partido bolchevique ou as massas russas – não se limitava de modo algum às fábricas. O desenlace se deu tanto nas comarcas rurais como nas cidades.

Uma guerra camponesa espontânea havia encontrado respaldo no movimento dos trabalhadores. Contrariamente ao afirmado pelos informes leninistas oficiais, a rebelião agrária não limitou seus fins a redistribuição da terra em lotes privados. Na Ucrânia, os camponeses influenciados pelas milícias anarquistas de Nestor Makhno, estabeleceram uma multidão de comunas rurais sob o lema comunista de: "De cada um segundo suas forças; a cada um segundo suas necessidades". Em outros lugares, no norte e na Ásia Soviética, alguns milhares destes organismos foram estabelecidos

em parte sob a iniciativa dos socialistas
revolucionários, e em grande medida como conseqüência do tradicional impulso coletivista que emergia da comuna rural.
Importa pouco se estas comunas eram ou não numerosas, ou se incluíam grande número de camponeses. O transcendental é que se tratava de autênticos organismos populares, o núcleo de uma moral e um espírito social muito superiores aos desumanizantes valores da sociedade burguesa.
Os bolcheviques acolheram com reservas desde o primeiro momento a estes organismos, e inclusive em ocasiões os condenaram. Para Lênin, o preferido, a forma mais "socialista" de empresa agrícola era a representada pela granja estatal: de modo literal, uma fábrica agrícola em que o Estado possuía a terra, os equipamentos de trabalho, e designava gerentes que arrendavam camponeses por um salário base. Aparecem nestas atitudes com o controle operário e as comunas agrícolas o espírito e a mentalidade essencialmente burguesas que penetravam no partido bolchevique,
espírito e mentalidade que transcendiam não apenas de suas teorias, como de seus métodos característicos organizacionais.
Em dezembro de 1918, Lênin lançou um ataque contra as comunas sob o pretexto de que os camponeses eram "forçados" a entrar nelas. Na verdade, pouca ou nenhuma coerção foi utilizada para organizar aquelas formas comunistas de auto-governo. Assim, Robert G. Wesson, que estudou detalhadamente as comunas soviéticas, conclui: "aqueles que entraram nas comunas o fizeram em sua grande maioria por vontade própria". As comunas não foram suprimidas, mas se limitou seu desenvolvimento, até que Stalin as integrou na coletivização forçosa de finais dos anos vinte e princípios dos trinta.

Em 1920 os bolcheviques haviam se isolado eles próprios da classe operária e camponesa russa. A eliminação do controle operário, a supressão da Makhnovitchina, a repressiva atmosfera do país, a inflada burocracia, a esmagadora pobreza material herdada dos anos de guerra civil, tudo isso tomado em seu conjunto, originou uma profunda hostilidade para com o governo bolchevique. Com o fim das hostilidades um novo movimento surgiu das profundezas da

sociedade russa reclamando uma “terceira revolução”, não uma restauração do passado, mas o apressado desejo de levar a cabo os objetivos da liberdade, tanto econômica como política, que havia reunido as massas ao redor do programa bolchevique de 1917. O novo movimento encontrou sua forma mais consciente no proletariado de Petrogrado e nos marinheiros de Kronstadt. Também conseguiu expressão no partido: o desenvolvimento de tendências anti-centralistas e anarco sindicalistas entre os bolcheviques até o ponto de que um bloco de grupos de oposição, orientados ao ponto neste sentido, alcançou 124 votos em uma conferência provincial de Moscou, contra 154 partidários do Comitê Central.

A Rebelião de Kronstadt

Em 2 de março de 1921, os “marinheiros vermelhos” de Kronstadt se sublevaram em rebelião aberta, levantando a bandeira da “Terceira Revolução dos Trabalhadores”. O programa de Kronstadt reclamava eleições livres para os soviets, liberdade de expressão, liberdade para os anarquistas e os partidos socialistas de Esquerda, sindicatos livres, e libertação de todos os presos pertencentes aos partidos socialistas.

As histórias mais vergonhosas foram fabricadas pelos bolcheviques para explicar esta rebelião, as quais seriam reconhecidas nos anos posteriores como mentiras infames. A rebelião foi qualificada como uma “conspiração de guardas brancos”, apesar de a maioria dos membros do partido comunista de Kronstadt ter se unido aos marinheiros – precisamente como comunistas – denunciando os dirigentes do partido como traidores da revolução de outubro. Como afirma Robert Vincent Daniels em seu estudo sobre os movimentos bolcheviques de oposição: “os comunistas da época eram na verdade tão pouco confiáveis... que o governo não tinha confiança neles”.

O principal corpo de tropas empregado foram os chequistas 22 e os oficiais cadetes das escolas militares do Exército Vermelho. A investida final de Kronstadt foi dirigida pelo Estado Maior do

Partido Comunista. Um amplo grupo dos delegados assistentes do décimo Congresso do Partido foi enviado precipitadamente de Moscou com este fim. Tão fraco era o regime internamente que a elite teve de fazer este trabalho repugnante.

Ainda mais significativo que a rebelião de Kronstadt foi o movimento grevista que se desenvolveu entre os trabalhadores de Petrogrado, um movimento que desencadeou o levante dos marinheiros. As histórias leninistas não contam este crítico e importante acontecimento.

As primeiras greves estouraram na fábrica de Troubotchine em 23 de fevereiro de 1921. Em poucos dias o movimento se propagou de uma fábrica a outra, até que no dia 2 de fevereiro foram à greve os famosos oficinas de Putilov, "o crisol da revolução". Os trabalhadores expressaram não só reivindicações econômicas, como também claras exigências políticas, adiantando-se às que reclamariam poucos dias depois os marinheiros de Kronstadt.

Em 24 de fevereiro os bolcheviques declararam o "estado de sítio" em Petrogrado e detiveram os líderes operários, reprimindo as manifestações destes com os oficiais cadetes. O fato é que os bolcheviques fizeram algo mais que reprimir um "motim de marinheiros": esmagaram com a força armada a própria classe trabalhadora.

É neste momento que Lênin reclamou a extirpação das facções no Partido Comunista russo. A centralização do partido foi agora completada, e o caminho estava preparado para Stalin. Temos discutido estes acontecimentos porque conduzem à conclusão que nossas últimas fornadas de marxistas-leninistas querem iludir: o Partido Bolchevique alcançou seu grau máximo de centralização nos dias de Lênin, não para levar a cabo uma revolução ou para suprimir o movimento contra-revolucionário da Guarda Branca, mas para levar a cabo uma contra-revolução própria contra as mesmas forças que pretendiam representar.

As facções foram proibidas e se criou um partido monolítico, não para evitar uma "restauração capitalista", mas para conter o movimento das massas operárias em direção a democracia soviética e a liberdade social. O Lênin de 1921 se opôs ao Lênin de outubro de

1917. Daqui por diante Lênin flutuou. Este homem, que mais que nenhum outro, tratou de basear os problemas de seu partido nas contradições sociais, encontrou a si próprio tentando na última hora parar a burocratização criada por ele mesmo. Não há nada mais patético e trágico que o Lênin dos últimos anos. Paralisado por um corpo simplista de fórmulas marxistas, não lhe ocorreram melhores contramedidas que as de tipo organizacional. Propõe a Inspeção de Operários e Camponeses para corrigir as deformações burocráticas no partido e no Estado, e aquela inspeção caiu nas mãos de Stalin, que, com pleno direito, a levou a seu maior esplendor burocrático.

Lênin sugeriu depois a redução da Inspeção de Operários e Camponeses e sua absorção na Comissão de Controle. Defendeu do mesmo modo a ampliação do Comitê Central. Estas são as soluções: ampliar este organismo, absorver este naquele, este terceiro organismo se modifica ou se substitui por outro. Este extraordinário ballet de formas organizacionais continua crescendo até sua morte, como se o problema pudesse ser resolvido por meios organizacionais. Como afirma Mosche Lewin, um admirador de Lênin: O líder bolchevique "tratava os problemas de governo como um executivo de mente rigidamente 'leninista'. Não aplicava métodos de análise social ao governo e se contentava em entendê-lo simplesmente em termos de métodos organizacionais ou técnicos".

Os meios substituem os fins

Se é certo que nas revoluções burguesas "a fraseologia modifica o conteúdo", na revolução bolchevique as formas substituem o conteúdo. Os soviets substituíram os trabalhadores e seus comitês de fábrica, o Partido substituiu os soviets, o comitê central substituiu o Partido e o Birô Político o Comitê Central. Em resumo, os meios substituíram os fins. Esta incrível substituição do conteúdo pelas formas é um dos traços mais característicos do marxismo-leninismo.

Na França, durante os acontecimentos de maio-junho de 1968, todas as organizações bolcheviques se prepararam para destruir a assembléia estudantil de Sorbona, para aumentar sua influência e

recrutar adeptos. Sua principal preocupação não se referia a revolução ou as autênticas formas sociais criadas pelos estudantes, mas ao crescimento de seus próprios partidos. Nos Estados Unidos ocorreu algo assim e uma situação semelhante se dá entre os grupos estudantis.

Somente uma força poderia se opor ao crescimento da burocracia na Rússia: uma força social. Se o proletariado e o campesinato russos tivessem conseguido desenvolver o campo na autogestão através de comitês de fábrica, comunas rurais e soviets livres, a história do país poderia ter dado uma reviravolta radical. Não há dúvida de que o fracasso da revolução socialista na Europa depois da Primeira Guerra Mundial levou a um isolamento da revolução na Rússia. A pobreza material da Rússia, junto com a pressão do mundo capitalista circundante ia claramente contra o desenvolvimento de uma sólida sociedade libertária, realmente socialista.

Mas de modo algum era necessário que a Rússia tivesse que se desenvolver de acordo com as linhas do capitalismo estatal. Contrariando as previsões de Trotsky e Lênin, a revolução foi destruída por forças internas, não pela invasão dos exércitos estrangeiros. Se o Movimento, surgindo de baixo, tivesse continuado na linha dos primitivos objetivos da revolução, em 1917, uma estrutura social de diversas faces poderia ter se desenvolvido sobre a base do controle operário da indústria, e uma livre economia inspirada pelos camponeses, e no contraste vivo de idéias, programas e grupos políticos. Enfim, a Rússia não se teria visto aprisionada entre as correntes do totalitarismo, e Stalin não teria envenenado o movimento revolucionário, preparando o caminho para o fascismo e a Segunda Guerra Mundial.

O desenvolvimento do partido bolchevique fazia presumir estas conseqüências, deixando de lado as intenções de Lênin e Trotsky. Ao destruir o poder dos comitês de fábrica na indústria, ao esmagar o movimento makhnovista, aos operários de Petrogrado, aos marinheiros de Kronstadt, os bolcheviques garantiam praticamente o triunfo da burocracia russa sobre a sociedade russa. O partido centralizado – uma instituição completamente burguesa – se

converteu no refúgio da contra-revolução em suas formas mais sinistras. Ou seja, a contra-revolução disfarçada, implícita na própria bandeira e na terminologia de Marx. Finalmente, o que os bolcheviques suprimiram em 1921 não era uma "ideologia" ou uma "conspiração das guardas brancas", mas uma luta elementar do povo russo para libertar-se de suas correntes e assumir o controle sobre seu destino. Para a Rússia isto significou o pesadelo da ditadura de Stalin: para a geração dos anos trinta significa o horror do fascismo e a traição dos partidos comunistas na Europa e nos Estados Unidos.

lernu
esperanto
aprenda
esperanto
anarkio.net

Ni luktas por egaleco kaj justeco...

...kaj vin?

scias pli en anarkio.net

ANARKIO NUN!